

Onda Anti-ESG nos EUA e seus Potenciais Impactos nas Organizações Brasileiras: uma reflexão crítica sobre o contexto político e cultural ¹

Ludmilla Naiva Cerqueira ²

Lana D'Ávilla Campanella ³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

RESUMO

Este trabalho analisa a onda anti-ESG nos Estados Unidos e seus potenciais impactos nas organizações brasileiras, diante de um cenário político polarizado e de tensão. Parte do problema: como o retrocesso do ESG nos EUA pode influenciar o posicionamento de empresas brasileiras frente à sustentabilidade? Baseia-se em autores como Kunsch (2003), Ribeiro (2024), Coelho e Oliveira Junior (2016), Thomas Ference (2012), Belinky (2021) e Lemmi (2024). Adotou-se a metodologia qualitativa e interpretativa, com análise de um episódio do podcast Planeta Verde. A pesquisa contribui para refletir sobre a repolitização do capitalismo e a importância estratégica do ESG, globalmente.

PALAVRAS-CHAVE

ESG; Organizações; Estados Unidos; Brasil; Política Cultural

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o conceito de ESG (Ambiental, Social e Governança) consolidou-se como um dos pilares da responsabilidade corporativa no cenário global. No entanto, com o avanço de discursos conservadores e a crescente politização da sustentabilidade, observa-se nos Estados Unidos uma onda anti-ESG, especialmente associada à candidatura de Donald Trump. Diante desse contexto, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os possíveis impactos desse movimento em organizações brasileiras. A pesquisa se fundamenta em teóricos da comunicação organizacional, da estratégia, do ESG e dos estudos sobre a internacionalização de empresas na agenda governamental, permitindo uma análise aprofundada sobre o tema.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Relações Internacionais, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação do 9º semestre do Curso de Comunicação Social - Relações Públicas da UFSM, pesquisadora de iniciação científica no grupo CNPq COMINTER. Email: ludmilla.naiva@acad.ufsm.br

³ Orientadora do trabalho, Doutora e com Pós-doutorado em Comunicação Social (PPGCom PUCRS), líder do grupo CNPq COMINTER e Professora do Curso de Relações Públicas da UFSM. E-mail: lane.campanella@ufsm.br

ORGANIZAÇÕES, ESTRATÉGIAS DE ESG E CONTEXTO POLÍTICO

Inicialmente é pertinente conceituar organizações. Segundo Kunsch (2003), o conceito de organização pode ser compreendido como um agrupamento estruturado de pessoas que atuam em conjunto com objetivos comuns. Essa definição envolve não apenas a função administrativa de organizar, mas também uma distinção entre organizações formais, instituições e sistemas abertos. Dentro dessa perspectiva, duas correntes teóricas predominam: a racionalista, que vê as organizações como instrumentos orientados para fins específicos, e a organicista, que as interpreta como organismos vivos, capazes de evoluir no tempo e no espaço.

Kunsch também destaca que as organizações precisam ser eficazes e eficientes, otimizando recursos e minimizando impactos, sem negligenciar fatores éticos, humanos e ambientais. Em um cenário de transformações constantes, caracterizado pela globalização e convergência tecnológica, as organizações devem adaptar suas estruturas e estratégias de forma contínua (Kunsch, 2003).

Assim, considerando que diversas organizações têm estratégias de ESG como compromisso e para se destacarem, é necessário conceituar esse termo. Para Thurman e Ference (2012), pensar estrategicamente significa projetar um futuro mais promissor e agir intencionalmente para alcançá-lo. A estratégia, nesse sentido, é um processo orientado por aspirações humanas e envolve decisões que equilibram capacidades internas, recursos disponíveis, limitações externas e a dinâmica do ambiente competitivo.

A estratégia ultrapassa a mera reação ao contexto: trata-se da capacidade de moldá-lo. Ela orienta as decisões-chave da organização e permite enfrentar a complexidade do mercado com mais clareza e direcionamento. Assim, em contextos de alta competitividade, as organizações utilizam a estratégia como ferramenta essencial para alcançar diferenciação e vantagem sustentável (Thurman e Ference, 2012).

Ademais, o ESG é hoje uma das estratégias mais relevantes adotadas pelas organizações, especialmente pela sua conexão direta com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Pacto Global, 2025). Segundo Tarina Lemmi (2024), no Blog da VExpenses, o termo ESG, sigla para Environmental, Social and Governance (Ambiental, Social e Governança), abrange três dimensões fundamentais da

sustentabilidade corporativa. Inicialmente associado a investimentos responsáveis, o ESG evoluiu para um modelo de gestão que equilibra desempenho financeiro com impactos sociais e ambientais positivos. O conceito destaca a importância de gerar impacto positivo tanto no meio ambiente quanto nas relações sociais e na governança interna, reforçando o papel das empresas como agentes de transformação em um cenário global cada vez mais atento à responsabilidade intergeracional.

Ricardo Ribeiro (2024) aponta que a verdadeira essência do ESG está na integração de três pilares: gestão de riscos, capitalismo de stakeholders e geração de valor. Ao considerar esses aspectos de forma interconectada, o ESG deixa de ser apenas uma sigla e passa a representar um guia estratégico que orienta a atuação empresarial com foco em impacto real nas comunidades.

A importância do ESG se expressa na atração de investimentos sustentáveis, na valorização da reputação corporativa, na geração de valor a longo prazo e na atração de talentos que buscam trabalhar em empresas com propósito (Tarina Lemmi, 2024). No Brasil, essa tendência se reflete no crescimento de fundos de investimento com foco em ESG, que em 2020 movimentaram R\$ 2,5 bilhões (Pacto Global, 2025). Contudo, mesmo com avanços significativos, o ESG enfrenta resistências. Em 2025, observa-se um movimento anti-ESG nos Estados Unidos, com empresas como Meta e Google recuando em políticas de diversidade, reflexo de contextos políticos e culturais conservadores (UOL Notícias, 2025).

É importante também diferenciar ESG de sustentabilidade. Enquanto o ESG direciona sua atenção para temas considerados materiais à empresa e mensuráveis em termos de impacto, a sustentabilidade abrange a capacidade de manutenção de sistemas humanos e ecológicos a longo prazo (Berlinky, 2021).

No mais, é relevante considerar o contexto político e cultural, para o desenvolvimento dessa análise. Segundo Coelho e Junior (2006), a globalização tem reconfigurado as relações entre governos e empresas, estabelecendo uma crescente interdependência. A intensificação da competição global obriga os governos a reconhecerem sua dependência do setor empresarial, ao mesmo tempo em que as empresas buscam maior envolvimento nas políticas públicas para garantir estabilidade econômica. Esse cenário gera uma complexa rede de interações, frequentemente marcadas por conflitos ou convergências de interesses, o que exige mecanismos de

mediação política e econômica. É nesse contexto que os autores propõem o conceito de "diplomacia triangular", baseada nas negociações entre Estado, empresas e a dinâmica do mercado global.

Com a dispersão transnacional dos impactos das atividades empresariais, os governos assumem um papel estratégico na formulação de políticas que otimizem os benefícios econômicos. Essa realidade impulsiona a chamada "repolitização do capitalismo", em que o Estado atua ativamente para alinhar os interesses políticos nacionais ao desempenho econômico das corporações, sejam elas nacionais ou estrangeiras com presença no território.

Essa perspectiva ajuda a compreender o cenário atual da chamada “onda anti-ESG”, particularmente nos Estados Unidos. A resistência crescente a práticas sustentáveis, evidenciada, por exemplo, na candidatura de Donald Trump e no enfraquecimento do compromisso com agendas ESG, reflete justamente esse movimento de repolitização, em que o governo intervém para moldar e, por vezes, limitar as práticas empresariais conforme interesses políticos e econômicos imediatos. A tensão entre competitividade global e responsabilidade socioambiental emerge, assim, como ponto central nas disputas entre setores empresariais e estatais.

METODOLOGIA

Portanto, como metodologia foi analisado o episódio do podcast Planeta Verde, com a participação do professor e especialista em sustentabilidade Gustavo Loiola, o qual oferece uma análise perspicaz e preocupante do crescente movimento anti-ESG nos Estados Unidos, impulsionado pela polarização política e pela agenda de desmantelamento ambiental liderada por figuras como Donald Trump. Como esse tema é atual, tendo discussões notáveis e nomeadas como “onda anti-ESG” a partir de fevereiro de 2025, houve dificuldades para encontrar material e estudo sobre o tema, mas esse podcast apresentou um conteúdo acessível, embasado e explicativo.

A discussão do episódio em questão, revela como essa onda de oposição, que se manifesta em pressões sobre fundos de investimento, recuos em políticas de diversidade de grandes corporações e até mesmo em processos judiciais contra práticas inclusivas, representa um desafio significativo para a agenda global de sustentabilidade. Loiola, destaca a ironia de um termo originalmente financeiro, o ESG, ser politizado e

demonizado, levando empresas americanas a adotarem o "greenhushing" como estratégia defensiva para evitar controvérsias e potenciais perdas de investimento por parte de um mercado financeiro avesso a polêmicas.

Apesar desse cenário alarmante nos EUA, a análise de Loiola oferece uma perspectiva mais otimista para o Brasil. Ele argumenta que, embora as empresas brasileiras possam estar menos propensas a ostentar a sigla ESG e optem pelo termo "sustentabilidade", a compreensão da importância do tema permanece sólida. Fatores como um mercado financeiro mais doméstico e a forte dependência do agronegócio, um setor intrinsecamente ligado às questões climáticas e às exigências do mercado internacional, tornam a agenda de sustentabilidade uma necessidade estratégica, e não apenas uma questão política.

A busca do Brasil por explorar seu potencial socioambiental, exemplificada pela regulação do mercado de carbono e o estímulo à bioeconomia, sinaliza um caminho distinto daquele trilhado pela contramão americana. Contudo, o especialista alerta para a possível influência do contexto internacional nas energias fósseis, como indicado pela abertura de novas fronteiras de petróleo no Brasil e o recuo de grandes petroleiras europeias em seus planos de transição energética, demonstrando a complexidade e as tensões persistentes na busca por um futuro mais sustentável.

CONSIDERAÇÕES

Portanto, o episódio do podcast Planeta Verde (2025) revela um cenário global complexo para o ESG, especialmente com a onda anti-ESG nos EUA, que desafia a integração desses critérios nas empresas. Apesar de o Brasil mostrar certa resistência inicial devido ao seu mercado e ao papel do agronegócio sustentável, a influência internacional, notadamente no setor energético, exige atenção das organizações brasileiras. É fundamental monitorar essa dinâmica para avaliar riscos e oportunidades em suas estratégias de longo prazo e atuação global, mantendo a sustentabilidade como um pilar essencial.

A análise do conteúdo destaca que o ESG engloba valores positivos em diversas áreas, com ênfase na responsabilidade social. Esta deve ser uma base para todas as organizações, guiando suas ações independentemente de mudanças políticas ou econômicas, visando um impacto positivo e duradouro na sociedade e no meio ambiente. Por fim, para preservar sua imagem e reputação, as organizações precisam de

um posicionamento consistente em relação a práticas sustentáveis. Empresas que adotaram o ESG apenas por tendência e agora retrocedem em seus compromissos podem prejudicar sua própria imagem e reputação. Assim, um compromisso verdadeiro e estável com o ESG demonstra responsabilidade social e contribui para a sustentabilidade a longo prazo.

REFERÊNCIAS

BELINKY, Aron. **Seu ESG é sustentável? Sustentabilidade empresarial é mais que um rótulo da moda e seguir apenas a atual onda pode ser um risco para o negócio e para a sociedade.** GV Executivo, São Paulo, v. 20, n. 4, out./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/85080/80457>. Acesso em: 3 maio 2025.

COELHO, D. B.; OLIVEIRA JUNIOR, M. de M. **A internacionalização de empresas na agenda governamental contemporânea de desenvolvimento: reflexões críticas e analíticas para os negócios internacionais.** Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 14, esp., p. 527–550, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395117181>. Acesso em: 5 maio 2025.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada.** 2. ed. rev. São Paulo: Summus, 2003. v. 17.

LEMMI, Tarina. **O que é ESG nas empresas e como usar suas estratégias?** Blog Vexpenses, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://vexpenses.com.br/blog/esg-nas-empresas/>. Acesso em: 7 maio 2025.

PACTO GLOBAL. **Entenda o significado da sigla ESG (Ambiental, Social e Governança) e saiba como inserir esses princípios no dia a dia de sua empresa.** Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/esg/>. Acesso em: 3 maio 2025.

RFI – PLANETA VERDE. **Movimento anti-ESG ganha impulso nos EUA sob Trump e ameaça influenciar empresas pelo mundo.** RFI Brasil, 6 mar. 2025. Disponível em: <https://rfi.my/BTGt>. Acesso em: 6 maio 2025.

RIBEIRO, Alves, R. **A força do ESG.** Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2024. E-book. ISBN 9788550824697. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788550824697/>. Acesso em: 6 maio 2025.

THURMAN, Paul W.; FERENCE, Thomas P. **Estratégia – Série Fundamentos.** Rio de Janeiro: Saraiva, 2012. E-book. ISBN 9788502180062. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788502180062/>. Acesso em: 6 maio 2025.

UOL. **Movimento anti-ESG ganha impulso nos EUA sob Trump e ameaça influenciar empresas pelo mundo.** UOL Notícias, 6 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2025/03/06/movimento-anti-esg-ganha-impulso-nos-eua-sob-trump-e-ameaca-influenciar-empresas-pelo-mundo.htm>. Acesso em: 4 maio 2025.